

XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

Corpo e Sexualidade na Saúde Mental.

Karlene Bianca.

Cita:

Karlene Bianca (2015). *Corpo e Sexualidade na Saúde Mental. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/206>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Corpo e emoções na saúde mental

Karlene Bianca de Oliveira – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

e-mail: karlene.bianca@gmail.com

Resumo: O presente artigo procura dar voz e analisar o discurso de uma usuária do Centro de Atenção Psicossocial Vila Vitória, em Santo André (SP), a partir do qual são refletidas questões sobre a corporalidade dos usuários, as relações de poder e o impacto da reforma psiquiátrica brasileira na reestruturação de tais fenômenos.

Palavras chaves: louco – narrativa – corpo – emoção – relações

1. Introdução

Segue a narrativa da usuária/paciente Márcia (nome fictício). A narrativa de Márcia foi extraída das conversas entre a pesquisadora e a usuária, desenvolvidas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Vila Vitória, em Santo André, São Paulo, Brasil, através das quais se observa noções dos corpos (institucional, da usuária, da pesquisadora, dos funcionários entre outros) e das emoções vivenciadas.

Parto do pressuposto formulado pelos integrantes da mesa 14 “Sociología de los cuerpos y las emociones” de que, para a formulação desse artigo, “Conocemos por, en y a través de nuestros cuerpos”.

2. A narrativa de Márcia

Ei você!! [*olho para o lado*]. Você mesma!! [*Márcia se aproxima*]. Não tem medo da gente não?! Aqui é tudo louco podem te bater, cismar com você, ae já viu né?! Você se machuca, fica muito mal e a gente...a gente escapa, é louco mesmo.

[*respiro e fico quieta*] Márcia continua: eu fico aqui no CAPS, às vezes me internam aqui, ou vou para o hospital dia, para o noite, fico vagando por todos os lados, depende do estado da minha loucura.

Fui com sua cara viu?! Senão coitadinha de você, dava na sua cara, afinal quem é você mesmo? [*explico que faço uma pesquisa sobre corpo e sexualidade, Márcia demonstra interesse*]

Sabe moça, eu não era assim magra não, eu era gorda viu?! Enorme, grande demais, tinha nojo do que eu via quando passava diante de um espelho, mas veio as drogas e aquela doença lá, como vocês chamam?! [*Márcia fica pensativa, com a mão no queixo*] bulimia, acho que é isso, comecei a vomitar, vomitar e usava umas drogas pesadas e ae pronto, tenho esse corpinho agora, quase igual ao seu. [*risos*]

Agora te falo ficar aqui com esses loucos, me deixa mais louca ainda, já basta esses caras que estudou e acha que podem me falar o que eu sou ou o que eu tenho, então sou bipolar agora, mas e o que de fato isso muda minha vida?!

[*falo que não sei e pergunto o que ela acha que mudou*] Mudou nada, continuo morando no morro, criando meu filho, tentando fazer com que ele fique com alguém que tenha juízo, quer ficar com ele? [*risos*] Ahh e mudou sim, agora tomo um monte de remédios e ganho uma grana que me ajuda a comprar droga, porque sabe se eu não compro cigarros e não uso um crack, vou ficar gorda de novo e não quero isso.

Desde que eu vim para esse CAPS aqui, tem uma senhora, uma psicóloga que não gosta de mim, já dei na cara dela, mas ae ela gritou desesperada e logo me tiraram de perto dela, mas minha vontade é de pegar no pescoço dela e acabar com ela, e agora você tá com medo?

[*falo que não*] Estou achando que você é mais louca do que a gente, o bom que vamos poder falar de sexo com você e vou trazer meu filho aqui para você conhecê-lo, você é magra e bonita, assim não mataria mais ninguém e ele fica com alguém inteligente. O povo daqui vai querer te pôr para correr, mas se você não tem medo não terá grandes problemas, só algumas situações de risco [*Márcia começa a rir*]

Bom estou indo nessa, nos vemos e em nenhuma situação me ignore ou vire a cara para mim porque agora estou magra, mas se me irrita, eu fico forte e eu mato, e mato de verdade, por isso que fico longe daquela vaca da psicóloga. Beijo e fica bem com os loucos aqui.

[*Márcia sai andando, rindo e falando consigo mesma que eu sou mais louca do que todos por lá*].

3. Os Corpos e os seus gestos

Em 1934, Marcel Mauss, em sua conferência, “As técnicas do corpo”¹, já dizia que os gestos são os que sustentam a relação do indivíduo com o mundo, pois esses são relacionados

¹ MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

a uma determinada organização social e cultural que desenham técnicas corporais que, por sua vez, criam um determinado simbolismo e sentido referente aos gestos e à individualidade dos indivíduos.

Sendo assim, cada sociedade determina o uso dos seus corpos e para o que eles servem, constituindo padrões normativos. Os transtornos mentais configuram-se como desvios desses padrões, assim os corpos dos indivíduos com transtornos mentais podem configurar gestos que causam certa estranheza para a sociedade.

Para configuração desses gestos corpóreos e percepções sensoriais, David Le Breton² afirma que o processo emocional é fundamental. As experiências das emoções e das relações sociais e culturais vivenciadas pelo indivíduo no seu cotidiano permite uma determinada organização que gera uma reflexão corpórea do mundo.

4. “*Aqui tudo é louco*”

Na narrativa de Márcia, observa-se que, mesmo após a reforma psiquiátrica, a forma de se rotular, de se auto-perceber, assim como a percepção de como os outros a percebem não mudou muito do que era antes da reforma, pois Márcia ainda se diz louca e não usuária do novo serviço.

A reforma psiquiátrica no Brasil baseou-se no modelo do psiquiatra italiano Franco Basaglia e passou a ser discutida, no Brasil na década de 70, com o grupo MTSM (Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental). A “antipsiquiatria” elaborada por Basaglia questionava os conceitos da psiquiatria tradicional diante da doença mental e propunha novas ideias para o tratamento da mesma. Basaglia escreveu que “[...] torna-se preciso desmontar as relações de racionalidade/ irracionalidade que restringem o louco a um lugar de desvalorização e desautorização a falar de si.” (*Apud Amarante, 2005, p.48*).

Devido a luta do movimento antimanicomial (do qual o MTSM participou), que lutava pela reforma da então psiquiatria tradicional e da “indústria da loucura”, o Ministério da Saúde aprovou, em 2001, leis federais que previam a substituição dos hospitais psiquiátricos e manicômios por outras instituições. Tais leis fundamentaram-se nas resoluções da conferência de Caracas.

Neste período, proliferaram-se e foram reconhecidas pelo governo instituições especializadas em saúde mental como o NAPS (núcleo de atenção psicossocial), os CAPS

² LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

(centro de atenção psicossocial), os GAPS (grupos de avaliação de assistência psiquiátrica) e os serviços residenciais terapêuticos.

Quando o projeto de lei anti-manicomial foi aprovado em 06/04/2001 como 'Lei Federal n.10.216' houve o redirecionamento do modelo assistencial brasileiro em saúde mental, tendo como preceitos:

- Assegurar os direitos dessas pessoas, sem qualquer tipo de discriminação;
- Garantir o esclarecimento a seus familiares ou responsáveis sobre suas condições;
- Responsabilizar o Estado pelo desenvolvimento de políticas de assistência à saúde mental;
- Limitar a internação somente aos casos que foram esgotados todos os outros recursos extra-hospitalares;
- Promover a reabilitação social planejada dos doentes internados há muito tempo;
- Impedir internações involuntárias arbitrárias. (Brasil, 2001, p.15).

Em 2002, surgiu a portaria n.251 (Brasil, 2002, p.1), como anexo à lei anti-manicomial. Tal portaria previa diretrizes para o estabelecimento da assistência hospitalar. Entre elas, destacam-se:

- Garantia de diversidade de tratamentos terapêuticos;
- Consolidação do modelo comunitário, extra-hospitalar;
- Assegurar continuidade da atenção ao paciente com transtorno mental;
- Redefinição do conceito do hospital psiquiátrico;
- Proibição total da existência de celas fortes e espaços restritos.

O reconhecimento estatal dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) deu-se com a reforma psiquiátrica. O primeiro CAPS surgiu no Brasil em março de 1986, em São Paulo, sendo associado à rede SUDS (Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde), num momento anterior ao surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Em 19 de fevereiro de 2002, foi publicada a portaria n.336 do Ministério da Saúde (Brasil, 2002) que foi um complemento à lei antimanicomial n.10.216 de 2001. Nesta portaria, houve a classificação dos CAPS em: CAPS I, CAPS II, CAPS III e CAPSad.

De acordo com a portaria GM n.336 de 2002, o CAPS é o elemento organizador da Rede de Atenção à Saúde Mental, composta de outros estabelecimentos, como os hospitais gerais, os centros comunitários, as residências terapêuticas, as instituições de defesa dos

direitos do usuário, entre outros. E que garante entre outras coisas, a integralidade do cuidado e a descaracterização do usuário do CAPS como um usuário apenas 'da' saúde mental.

Os CAPS, devido à lei n.10.216 de 2001, deveriam prestar atendimento à saúde mental diariamente.

A “redefinição do conceito do hospital psiquiátrico” prevista abrangia, inclusive, o momento discurso: os indivíduos tratados na instituição seriam definidos como usuários, e não mais como "pacientes". Tal transfiguração no nível da linguagem serviria, supostamente, como um dispositivo para desmontar a relação de poder rígida e hierarquizada entre os pacientes e os funcionários.

Na fala de Márcia não há uma desvalorização dela como indivíduo quando ela se coloca como louca e sim uma valorização e um certo domínio da própria “loucura”. Márcia utiliza a loucura para falar de si mesma e impor que pode usar a sua loucura para se defender e agredir as pessoas das quais não lhe agradam, como a psicóloga que ela cita.

“[...] ficar aqui com esses loucos, me deixa mais louca ainda”

Márcia durante toda a conversa joga com as questões do ser “louco”, colocando sua posição de louca em outro lugar que não acompanha os demais loucos, diferenciando-se. A loucura, assim, parece servir como um elemento de identidade.

5. “(...)mas e o que de fato isso muda minha vida?!”

Quando, em sua narrativa, Márcia coloca a questão do diagnóstico dado à ela dentro do CAPS, ela questiona o diagnóstico em si e o ultrapassa, questionando o que vai ser modificado de fato em sua vida, em seu corpo e em suas emoções.

“Aqui é tudo louco podem te bater, cismar com você, ae já viu né?! Você se machuca, fica muito mal e a gente...a gente escapa, é louco mesmo.”

Quando Márcia diz que o louco escapa refere-se ao fato de muitos usuários escapam de diversas situações, tais como roubo dentro da instituição, brigas entre eles alegando estar sem medicamento ou em surto, mas plenos de consciência de seus gestos e ações.

O fato de Márcia utilizar drogas e vomitar quando se julga acima do peso não mudou, ela continua com o mesmo comportamento de que antes, com a diferença, que ela mesmo coloca na sua narrativa, de estar utilizando medicamentos e ganhando um auxílio que ela diz, sem nenhum constrangimento que utiliza para sustentar o seu vício.

6. *“(...) e ae pronto, tenho esse corpinho agora, quase igual ao seu.”*

Na narrativa, Márcia coloca a questão do corpo de uma forma muito intensa e presente, afinal ela quer e “precisa” manter o seu corpo magro. Márcia diz:

“se eu não compro cigarros e não uso um crack, vou ficar gorda de novo e não quero isso.”

Nessa fala, observa-se toda representação e simbologia do corpo presente nas emoções e gestos de Márcia.

Quando Márcia fala de seu corpo magro, ela e passa as mãos em torno de si mesma e abre os braços ao longo do corpo (gesticulando como se fosse inchar) falando de gordura.

Como Le Breton³ (2006) apontou em seus estudos, que o corpo e seus diferentes gestos estão presentes em diversas pesquisas, como as de Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Mary Douglas entre outros, que além dos usos físicos do corpo diante da emoção, o gesto ainda é indício de um certo domínio social.

Márcia durante a conversa ficou várias vezes rangendo os dentes, ficava vermelha, mexia nos cabelos, colocava os dedos na boca, roía as unhas. Ela estava inquieta, olhando para todos os lados todo o tempo, como se tivesse procurando quem está vigiando-a.

³ LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

O corpo “sempre magro” de Márcia pode ultrapassar as questões “patológicas” do seu diagnóstico de bulimia e bipolaridade, indo em direção às incidências sociais sobre o seu corpo (LE BRETON, p.15, 2006); pois o corpo “sempre magro” de Márcia também é o resultado de diversos padrões estabelecidos pela sociedade como padrões de beleza e de corpo ideal.

Assim, o corpo de Márcia, que é consequência de sua bulimia, algo que podemos denominar como biológico/ fisiológico, também é o resultado das incidências sociais e dos padrões normativos de beleza impostos direta ou indiretamente sobre ela.

A utilização da droga *crack*, bem como o fato de induzir o seu próprio vômito, são gestos de violência contra si mesma. Porém, para Márcia, esses gestos são gestos cotidianos que ora com o discurso da loucura, ora com o discurso da bulimia, ora com o discurso da bipolaridade, faz com que ela se defenda e continue praticando-os.

7. “(...) por isso que fico longe daquela vaca da psicóloga.”

Para Le Breton:

“O corpo é similar a um campo de força em ressonância com os processos de vida que o cercam.” (LE BRETON, p.26, 2006).

Le Breton (p.26, 2006) afirma que as representações do corpo são representações da pessoa. Sendo assim, é no corpo que Márcia, assim como todos os usuários e funcionários do CAPS, representam aquilo que eles querem mostrar ou ser.

Márcia nos conta de seu conflito com a psicóloga do CAPS, o real, se é que ele existe, pouco importa: o que nos interessa é observar toda emoção de raiva e ódio que ela nos traz em sua narrativa.

O corpo e a fala de Márcia são o resultado de uma violência latente em seus pensamentos. Assim, percebe-se que o corpo, como afirmou Mauss, “é o primeiro e o mais natural instrumento do homem”⁴.

Assim, Márcia, durante a conversa com a pesquisadora, demonstrou que seu corpo era seu instrumento:

Percebo que Márcia ao falar da psicóloga fica com o rosto vermelho. Entre suas falas e respirações range os dentes, fica inquieta, sua

⁴ MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

perna esquerda dobra e estica, ela fica batendo com o pé no chão e enquanto eu a ouço fico imaginando se o chão fosse a psicóloga, o que Márcia estaria fazendo com ela.

O conflito entre Márcia e a psicóloga é visível na narrativa da usuária e esse tipo de conflito costuma se repetir, em diversas situações observadas em campo pela pesquisadora, entre usuários e funcionários.

Esses conflitos ocorrem, em sua maioria, pelo fato das relações ainda serem hierárquicas? As relações de fato se modificaram com a reforma psiquiátrica?

Na narrativa de Márcia fica claro que as relações ainda baseiam-se no poder:

“[...]já basta esses caras que estudou e acha que podem me falar o que eu sou ou o que eu tenho.”

O poder está lá, isso é iminente, mas o poder ainda é o mesmo que foi outrora? De qualquer forma, vale recordar que Michel Foucault dizia que “onde há força, há resistência.”⁵. Assim, os conflitos entre os usuários e os funcionários nada mais é do que força e resistência.

Pode-se perguntar quem exerce a força e quem resiste à essa, mas isso requer outra pesquisa e uma observação de campo mais aprofundada.

O fato é que o conflito, o poder e a resistência estão presentes no CAPS e a percepção e o enfrentamento são diversos e subjetivos. Márcia, em sua narrativa e nos seus gestos, nos mostra que o poder (de dominar e ter conhecimento do seu estado físico e psíquico) e a resistência (ao diagnóstico que lhe é imposto, a ter outra relação com a psicóloga e de “largar a vida” que ela tinha relacionada às drogas) reverberam no seu corpo, sendo que os conflitos o ultrapassam, indo em direção às relações estabelecidas por ela, como no caso da psicóloga referido.

8. Conclusão

A narrativa de Márcia indica, como procurou argumentar o artigo, a pertinência de questões teóricas trabalhadas pela antropologia, tais como: a importância da narrativa, a

⁵ FOUCAULT, Michel. História da Loucura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

questão do corpo como expressão de uma dominação social, as relações de poder estabelecidas institucionalmente, a questão da saúde mental e suas consequências na saúde física.

Sendo que, para tratar dessas questões, o artigo partiu e focou em dar voz e também ouvir a voz de Márcia, usuária do CAPS e pensar através de sua narrativa, como para a usuária é o serviço do CAPS, como ela trata suas próprias emoções e seu próprio corpo e a reverberação desses tratamentos.

O fato de ouvir e narrar Márcia é de extrema importância para a atual pesquisa “Corpo e sexualidade na saúde mental”, visto que, conforme as observações realizadas no campo, é essencial entender a percepção de realidade dos usuários bem como seus gestos e suas expressões corporais.

9. Referências bibliográficas

AMARANTE, Paulo (coord.). *Arquivos de saúde mental e atenção psicossocial*, 2. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

BRASIL, Ministério da Saúde. *HUMANIZASUS: Política Nacional de Humanização do Ministério da Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. *Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Antropologia do Corpo e da Modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MAUSS, Marcel. “As técnicas corporais”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.